

CAPÍTULO XI – Amar o próximo como a si mesmo

Índice

Capítulo XI – Amar o próximo como a si mesmo	02
O mandamento maior	02
A resposta que ouvi de Jesus	09
O que significa amar a Deus	10
Dai a César o que é de César	03
Deveres	12
Nós e César	13
Instruções dos Espíritos. A lei do Amor	03
A lei do Amor em sete regras	14
Amor e nós	15
O egoísmo	05
O egoísmo	17
O egoísmo	18
A Fé e a caridade	06
A Fé que move montanhas	20
Fé e obra	23
Caridade para com os criminosos	07
Verdadeira caridade	25
Reflexões	27
Deve-se expor a vida por um malfeitor	07
Deve-se expor a vida por um malfeitor?	29
Devotamento e abnegação: Virtudes análogas	30

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec Capítulo XI – Amar ao próximo como a si mesmo

1. O Mandamento Maior. Fazemos aos outros o que queríamos que os outros nos façam. Parábola dos Credores e dos Devedores

1. Os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, para o tentar, propôs-lhe esta questão: — “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” — Jesus respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. — Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.”

(S. MATEUS, cap. XXII, vv. 34 a 40.)

2. Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.

(Idem, cap. VII, v. 12.)

Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem.

(S. LUCAS, cap. VI, v. 31.)

3. O reino dos céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. — Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. — Mas, como não tinha meios de os pagar, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. — O servidor, lançando-se-lhe aos pés, o conjurava, dizendo: “Senhor, tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo.” — Então, o senhor, tocado de compaixão, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida. — Esse servidor, porém, ao sair, encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo, dizia: “Paga o que me deves.” — O companheiro, lançando-se aos pés, o conjurava, dizendo: “Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo.” — Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, par tê-lo preso até pagar o que lhe devia.

Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram, extremamente aflitos, e informaram o senhor de tudo o que acontecera. — Então, o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: “Mau servo, eu te havia perdoado tudo o que me devias, porque mo pediste. — Não estavas desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tivera de ti?” E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos verdugos, para que o tivessem, até que ele pagasse tudo o que devia.

É assim que meu Pai, que está no céu, vos tratará, se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que vossos irmãos houverem cometido contra cada um de vós.

(S. MATEUS, cap. XVIII, vv. 23 a 35.)

4. “Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que queríamos que os outros fizessem por nós”, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes, melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento para conosco, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, os homens compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão-somente, união, concórdia e benevolência mútua.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

2. Dai a César o que é de César.

5. Os fariseus, tendo-se retirado, entenderam-se entre si para enredá-lo com as suas próprias palavras. — Mandaram então seus discípulos, em companhia dos herodianos, dizer-lhe: Mestre, sabemos que és veraz e que ensinas o caminho de Deus pela verdade, sem lebares em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não consideras as pessoas. Dize-nos, pois, qual a tua opinião sobre isto: É-nos permitido pagar ou deixar de pagar a César o tributo? Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: Hipócritas, por que me tentais? Apresentai-me uma das moedas que se dão em pagamento do tributo. E, tendo-lhe eles apresentado um denário, perguntou Jesus: De quem são esta imagem e esta inscrição? — De César, responderam eles. Então, observou-lhes Jesus: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Ouvindo-o falar dessa maneira, admiraram-se eles da sua resposta e, deixando-o, se retiraram. (S. MATEUS, cap. XXII, vv. 15 a 22. — S. MARCOS, cap. XII, vv. 13 a 17.)

6. A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominando o tributo que os romanos lhes impunham, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa. Numeroso partido se fundara contra o imposto. O pagamento deste constituía, pois, entre eles, uma irritante questão de atualidade, sem o que nenhum senso teria a pergunta feita a Jesus: “É-nos lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?” Havia nessa pergunta uma armadilha. Contavam os que a formularam poder, conforme a resposta, excitar contra ele a autoridade romana, ou os judeus dissidentes. Mas “Jesus, que lhes conhecia a malícia”, contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, com o dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido.

7. Esta sentença: “Dai a César o que é de César”, não deve, entretanto, ser entendida de modo restritivo e absoluto. Como em todos os ensinamentos de Jesus, há nela um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda postergação de seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

3. Instruções dos Espíritos. 1. A lei do Amor.

8. O amor resume a doutrina de Jesus toda inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida, do que da meta, aquele em quem predominam os instintos. A

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes. (Lázaro, Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição, à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções. A um ente ou um objeto qualquer, disse eu, porque há entre vós indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, despendem tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de misantropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o germen vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Esse germen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana. Há pessoas a quem repugna a reencarnação, com a idéia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos.” Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade. Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam: fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes. Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. É um ímã a que não lhe é possível resistir. O contacto desse amor vivifica e fecunda os germens que dele existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.” Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é difícil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos” e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar. (Fénelon, Bordéus, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por meu intermédio: “Amai muito, a fim de serdes amados.” É tão justo este pensamento que nele encontrareis tudo o que consola e abranda as penas de cada dia; ou melhor: pondo em prática esse sábio conselho, elevar-vos eis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes de deixardes o invólucro terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvidos em vós a compreensão do futuro, uma certeza tendes: a de caminhardes para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de vossa alma. Por isso, deveis elevar-vos bem alto para julgardes sem as constrições da matéria, e não condenardes o vosso próximo sem terdes dirigido a Deus o pensamento.

Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que queira que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos a encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados; e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, destinados a se elevarem ao infinito. Assim, não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus liberalmente vos outorgou, porquanto, de vosso lado, muito vos alegraria que vossos irmãos vos dessem aquilo que necessitais. Para todos os sofrimentos, tende, pois, sempre uma palavra de esperança e de conforto, a fim de que sejais inteiramente amor e justiça.

Crede que esta sábia exortação: “Amai bastante, para serdes amados”, abrirá caminho; revolucionária, ela segue sua rota, que é determinada, invariável. Mas já ganhastes muito, vós que me ouvis, pois que já sois infinitamente melhores do que éreis há cem anos. Mudastes tanto, em proveito vosso, que aceitais de boa mente, sobre a liberdade e a fraternidade, uma imensidade de ideias novas, que outrora rejeitaríeis. Ora, daqui a cem anos, sem dúvida aceitareis com a mesma facilidade as que ainda vos não puderam entrar no cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita há dado tão grande passo, vede com rapidez as ideias de justiça e de renovação, constantes nos ditados espíritas, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vós. É que estais preparados por uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade terrena as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encaixa sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a encerrar-se na permuta universal do amor ao próximo. Por aí, os Espíritos encarnados, melhor apreciando e sentindo, se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Uns e outros reunir-se-ão, para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desinteligências entre os povos.

Grande conceito de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto em O Livro dos Espíritos, tu produzirá o portentoso milagre do século vindouro, o da harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste preceito bem compreendido: “Amai bastante, para serdes amados.”

(Sansom, ex membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)

3. Instruções dos Espíritos. 2. O egoísmo

11. O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens. Jesus vos deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois, quando o primeiro, o Justo, vai percorrer as santas estações do seu martírio, o outro lava as mãos, dizendo: Que me importa! Animou-se a dizer aos judeus: Este homem é justo, por que o quereis crucificar? E, entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

É a esse antagonismo entre a caridade e o egoísmo, à invasão do coração humano por essa lepra que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado por completo a sua missão. Cabem-vos a vós, novos apóstolos da fé, que os Espíritos superiores esclarecem, o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho dos pedrouços que lhe embaraçam a marcha. Expulsai da Terra o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, porquanto já é tempo de a Humanidade envergar sua veste viril, para o que cumpre que primeiramente o expilais dos vossos corações. (Emmanuel, Paris, 1861.)

12. Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, mister fora vos esforçásseis por largar essa couraça que vos cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se escusava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando o tomareis por modelo de todas as vossas ações? Se na terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; ocultar-se-ia, visto que em toda parte se acharia deslocado. O mal então desapareceria, ficai bem certos.

Começai vós por dar o exemplo; sede caridosos para com todos indistintamente; esforçai-vos por não atentar nos que vos olham com desdém e deixai a Deus o encargo de fazer toda a justiça, a Deus que todos os dias separa, no seu Reino, o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calcarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.

(Pascal – Sens, 1862.)

3. Instruções dos Espíritos.

3. A Fé e a caridade.

13. Disse-vos, não há muito, meus caros filhos, que a caridade, sem a fé, não basta para manter entre os homens uma ordem social capaz de os tornar felizes. Pudera ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Na verdade, impulsos generosos se vos depararão, mesmo entre os que nenhuma religião têm; porém, essa caridade austera, que só com abnegação se pratica, com um constante sacrifício de todo interesse egoístico, somente a fé pode inspirá-la, porquanto só ela dá se possa carregar com coragem e perseverança a cruz da vida terrena. Sim, meus filhos, é inútil que o homem ávido de gozos procure iludir-se sobre o seu destino nesse mundo, pretendendo ser-lhe lícito ocupar-se unicamente com a sua felicidade. Sem dúvida, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; entretanto, a vida terrestre tem que servir exclusivamente ao aperfeiçoamento moral, que mais facilmente se adquire com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material. Sem levar em conta as vicissitudes ordinárias da vida, a diversidade dos gostos, dos pendores e das necessidades, é esse também um meio de vos aperfeiçoardes, exercitando-vos na caridade. Com efeito, só a poder de concessões e sacrifícios mútuos podeis conservar a harmonia entre elementos tão diversos. Tereis, contudo, razão, se afirmardes que a felicidade se acha destinada ao homem nesse mundo, desde que ele a procure, não nos gozos materiais, sim no bem. A história da cristandade fala de mártires que se encaminhavam alegres para o suplício. Hoje, na vossa sociedade, para serdes cristãos, não se vos faz mister nem o holocausto do martírio, nem o sacrifício da vida, mas única e exclusivamente o sacrifício do vosso egoísmo, do vosso orgulho e da vossa vaidade. Triunfareis, se a caridade vos inspirar e vos sustentar a fé. (Espírito protetor, Cracóvia, 1861.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

3. Instruções dos Espíritos.

4. Caridade para com os criminosos.

14. A verdadeira caridade constitui um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Completa fraternidade deve existir entre os verdadeiros seguidores da sua doutrina. Deveis amar os desgraçados, os criminosos, como criaturas, que são, de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, se se arrependerem, como também a vós, pelas faltas que cometeis contra sua Lei. Considerai que sois mais repreensíveis, mais culpados do que aqueles a quem negardes perdão e comiseração, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como o conheceis, e muito menos lhes será pedido do que a vós.

Não julgueis, oh! Não julgueis absolutamente, meus caros amigos, porquanto o juízo que proferirdes ainda mais severamente vos será aplicado e precisais de indulgência para os pecados em que sem cessar incorreis. Ignorais que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer como faltas leves considera?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que dais, nem, mesmo, nas palavras de consolação que lhe aditeis. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para com o vosso próximo. Podeis ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as vossas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

Estão próximos os tempos, repito-o, em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas ditosas. Amai-vos, pois, como filhos do mesmo Pai; não estabeleçais diferenças entre os outros infelizes, porquanto quer Deus que todos sejam iguais; a ninguém desprezeis. Permite Deus que entre vós se achem grandes criminosos, para que vos sirvam de ensinamentos. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: todos os Espíritos impuros e revoltados serão relegados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.

Deveis, àqueles de quem falo, o socorro das vossas preces: é a verdadeira caridade. Não vos cabe dizer de um criminoso: “É um miserável; deve-se expurgar da sua presença a Terra; muito branda é, para um ser de tal espécie, a morte que lhe infligem.” Não, não é assim que vos compete falar. Observai o vosso modelo: Jesus. Que diria ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentá-lo-ia; considerá-lo-ia um doente bem digno de piedade; estender-lhe-ia a mão. Em realidade, não podeis fazer o mesmo; mas, pelo menos, podeis orar por ele, assistir-lhe o Espírito durante o tempo que ainda haja de passar na Terra. Pode ele ser tocado de arrependimento, se orardes com fé. É tanto vosso próximo, como o melhor dos homens; sua alma, transviada e revoltada, foi criada, como a vossa, para se aperfeiçoar; ajudai-o, pois, a sair do lameiro e orai por ele.

(Elisabeth de France, Le Havre, 1862.)

3. Instruções dos Espíritos.

5. Deve-se expor a vida por um malfeitor?

15. Acha-se em perigo de morte um homem; para o salvar tem um outro que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Deve, não obstante, o segundo arriscar-se para o salvar? Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor. O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada. Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele. A morte, quiçá, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser-lhe terrível. Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu; lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

homem, que teria morrido a blasfemar, se atirará nos vossos braços. Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que vos diz: “Podes salvá-lo, salva-o!”
(Lamennais, Paris, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 49 – 30/03/2008

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

I. O Maior mandamento

A resposta que ouvi de Jesus

Se Deus fez tudo para sermos felizes na Terra, desde o canto dos pássaros, o perfume das flores, o pão de cada dia, até o sorriso de uma criança.

“Por que o homem prossegue indiferente ao seu glorioso destino como filho do Altíssimo?”.

“Por que Celeste Amigo, tanto ódio, tanta guerra, tanto sangue derramado, se só semeaste o amor, a concórdia e o perdão no coração do homem quando esteve entre nós?”.

“Por certo me responderás que essas divinas sementes caíram na terra pedregosa, da alma humana, e tiveram suas raízes queimadas pelo calor da violência, onde o rancor e a brutalidade distanciam as criaturas do bem e da paz.”

Por que, Pastor de Nossas Almas, os homens não se dão as mãos em nome da fraternidade, para ultrapassarem as barreiras da intolerância religiosa?

Não legaste como única religião para os homens o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo?

“Dirás que a Semeadura desse Mandamento Maior cresceu entre os espinheiros da ambição, do poder e da injustiça, e, abafada por eles, ela se tornou improdutiva, levando a sobra da descrença aos que buscam nas religiões o caminho da iluminação interior.”

Divino Mestre, Por que as criaturas humanas esqueceram a mensagem de esperança proferida no alto do monte, naquele fim de tarde, quando te dirigiste aos vencidos e sofredores deste mundo, entoando o cântico inesquecível das bem-aventuranças celestiais?

Por que elas vivem revoltadas contra as dificuldades naturais da vida, agredindo a tudo e a todos?

“Se muitos não tiveram ouvidos de ouvir”, outros certamente me escutaram naquele encontro sublime, pois meus ensinamentos caíram em **“terra fértil”** e produziram bons frutos, como, até hoje, muitas almas se levantam para a vida, porque continuam ouvindo, como bálsamo, sobre seus corações sofridos, a mensagem da esperança:

“Bem-aventurados os pobres e os aflitos! Bem-aventurados os pacíficos e os simples de coração”.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 459 – 03/04/2016

O Consolador – (Ricardo Baesso de Oliveira)

O que significa amar a Deus

I. O Maior mandamento

Tradicionalmente identificamos o **conceito amar a Deus** com o conceito **amar ao próximo**, e afirmamos comumente que amamos a Deus quando amamos o nosso próximo. Esse tipo de conclusão não é tão simples como parece. Um dos maiores estudiosos judeus de todos os tempos, o rabino Akiba, que viveu na Palestina, no primeiro século da era cristã, disse, em seu leito de morte, que nunca entendeu como se podia cumprir o mandamento

“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu ser.”

A leitura atenta do texto evangélico onde Jesus reporta-se a esses pensamentos parece mostrar que o amor a Deus e o amor ao próximo são coisas diferentes.

Vejamos o relato de Mateus 22:34 a 40:

“Os fariseus, tendo sabido que Ele fechara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, propôs-lhe esta questão, para o tentar: mestre, qual é o maior mandamento da lei? - Jesus respondeu: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes, o segundo, semelhante a esse:

Amarás o teu próximo, como ati mesmo. Toda lei e os profetas se acham nesses dois mandamentos.”

Devemos observar que Jesus explicou que os dois mandamentos são diferentes, embora se pareçam: o primeiro, maior, ou seja, o mais importante é amar a Deus, e o segundo, amar o próximo.

O sentido da expressão **amar o próximo** parece bem claro na proposta de Jesus: fazer ao outro todo o bem possível, ser-lhe útil no limite de nossas forças, respeitar seus direitos, perdoar sempre que preciso, compreender, tolerar etc. Mas como compreender o pensamento **amar a Deus**, desvinculando-o do amor ao próximo? Como poderia Jesus pedir que amássemos “algo” que nos é incompreendido, inabordável pela nossa mente obtusa?

Uma possível alternativa para a compreensão dessa ideia podemos encontrar na conhecida obra **Vida feliz**, que Joanna de Ângelis ditou, através de Divaldo Franco, especificamente em seu último texto, de nº 200, quando a benfeitora escreve: **“Agradece a Deus a tua existência. Louva-o mediante uma vivência sadia. Exalte-lhe o amor por meio dos deveres retamente cumpridos.”**

Chamamos a atenção que a autora relaciona **o amor a Deus** aos **deveres retamente cumpridos**.

Outro texto digno de nota está em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, (cap. XVII), Sede perfeitos, Instruções dos Espíritos, na mensagem assinada por Lázaro, intitulada **O Dever**:

“O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que às criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo”.

Lázaro estabelece no texto, de forma inequívoca, que o amor a Deus (primeiro mandamento na proposta de Jesus) se estabelece no **cumprimento do dever**, tal qual a citação anterior de Joanna.

Entendendo-se o dever como a **“obrigação de fazer ou deixar de fazer alguma coisa”**, ou seja, **“o conjunto das obrigações”** (Michaelis), o amor a Deus deveria estar condicionado ao respeito e devoção a algumas obrigações pessoais.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Segundo estabelece Emmanuel, no livro **Pensamento e Vida**, “o dever define a submissão que nos cabe a certos princípios estabelecidos como leis pela Sabedoria Divina, para o desenvolvimento de nossas faculdades”. Acrescenta o benfeitor que “dessa forma, pode-se simbolizar o dever como sendo a faixa de ação no bem que o Supremo Senhor nos traça à responsabilidade, para a sustentação da ordem e da evolução em Sua Obra Divina, no enalço de nosso próprio aperfeiçoamento.”

Concluindo, podemos sugerir como proposta de reflexão que o amor a Deus se identifica com o culto ao dever, o compromisso com a retidão de caráter, a atitude responsável e a priorização dos princípios éticos.

Tais condutas, aplicáveis em nossa vida no atual estágio evolutivo, não dependem da compreensão da natureza de Deus, por ora, para nós, inalcançável.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 213 – 12/06/2011

O Consolador – (Felinto Elízio Duarte Campelo)

Deveres

II. Dai a César o que é de César

“Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”

(Lucas, 20:25)

Em sua romagem terrena, o homem se vê a braços com múltiplas obrigações.

Deveres familiares, compromissos profissionais, preceitos sociais e a imposições governamentais, impulsionado pelo sentimento de afetividade ou pela noção de responsabilidade, levado pelo desejo de manter as aparências ou pela necessidade de estar na legalidade.

Ante as pressões e exigências que a vida inflige no plano físico, o homem tende aos extremos, ora escravizando-se aos reclamos do mundo em detrimento dos interesses do espírito, ora dedicando-se fanaticamente às cousas sagradas, subtraindo-se ao tributo devido à matéria.

O bom senso, todavia nos induz ao equilíbrio das ações no tocante ao cumprimento dos encargos que a vida material reserva e no que diz respeito à preparação espiritual para a vida futura no além.

Por isso com muita sabedoria, Jesus respondeu aos que o procuravam tentar, perguntando se seria lícito pagar impostos ao governo de Roma.

“Dai, pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.”

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, cap XI, itens 6 e 7, Kardec comenta a referida passagem evangélica nos termos seguintes:

A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominavam o tributo que os romanos lhes impunham, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa.

Numeroso partido se fundara contra o imposto.

O pagamento deste constituía, pois, entre eles, uma irritante questão de atualidade, sem o que nenhum senso teria a pergunta feita a Jesus: **“É nós lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?”**.

Havia nessa pergunta uma armadilha. Contavam os que a formularam poder, conforme a resposta, excitar contra ele a autoridade romana, ou os judeus dissidentes.

Mas Jesus, que lhes conhecia a malícia, contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, com o dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido.

Esta sentença: **“Dai a César o que é de César”** não deve, entretanto, ser entendida de modo restritivo e absoluto.

Como em todos os ensinamentos de Jesus, há nela um princípio geral, resumido sob a forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular.

Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queiramos que os outros procedam para conosco.

Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a outrem, toda postergação de seus interesses. Prescreve o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Elucidações de Emmanuel

Nº 267 – 01/07/2012

O Consolador

II. Dai a César o que é de César

Nós e César

“E Jesus, respondendo, disse-lhes: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” — (Marcos, capítulo 12, versículo 17.)

Em todo lugar do mundo, o homem encontrará sempre, de acordo com os seus próprios merecimentos, a figura de César, simbolizada no governo estatal.

Maus homens, sem dúvida, produzirão maus estadistas.
Coletividades ociosas e indiferentes receberão administrações desorganizadas.

De qualquer modo, a influência de César cercará a criatura, reclamando-lhe a execução dos compromissos materiais.
É imprescindível dar-lhe o que lhe pertence.

O aprendiz do Evangelho não deve invocar princípios religiosos ou idealismo individual para eximir-se dessas obrigações.

Se há erros nas leis, lembremos a extensão de nossos débitos para com a Providência Divina e colaboremos com a governança humana, oferecendo-lhe o nosso concurso em trabalho e boa vontade, conscientes de que desatenção ou revolta não nos resolvem os problemas.

Preferível é que o discípulo se sacrifique e sofra a demorar-se em atraso, ante as leis respeitáveis que o regem, transitoriamente, no plano físico, seja por indisciplina diante dos princípios estabelecidos ou por doentio entusiasmo que o tente a avançar demasiadamente na sua época.

Há decretos iníquos?

Recorda se já cooperaste com aqueles que te governam a paisagem material.

Vive em harmonia com os teus superiores e não te esqueças de que a melhor posição é a do equilíbrio.

Se pretendes viver retamente, não dês a César o vinagre da crítica acerba.

Ajuda-o com o teu trabalho eficiente, no sadio desejo de acertar, convicto de que ele e nós somos filhos do mesmo Deus.

Emmanuel, Pão Nosso, (psicografia Chico Xavier), (cap 102.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 396 – 11/01/2015

O Consolador – (Jorge Leite de Oliveira)

III. Instruções dos Espíritos

I. A lei do amor

A lei do amor em sete regras

O Amor, junto com a humildade são as duas virtudes essenciais à nossa evolução.

Ouvir – É registrar o som.

Escutar – É prestar atenção e buscar entender esses sons.

Abnegação – Devotamento ao próximo.

Discrição – Falar de si mesmo exaltando seus méritos.

Humildade – Ser humilde não é ser humilhado sem qualquer reação – mas ser o servo de todos
– ter o espírito de serviço e de amor ao próximo – como sentimento que norteiam nosso comportamento na sociedade.

Valorizar o semelhante – É jamais parecer mais do que é.

que Nunca perde a modéstia e a discrição, por saber que todo poder emana de Deus e
elevação do tudo, no mundo físico, é temporário, embora seja também oportunidade de
Espírito.

Respeito à autoestima alheia.

Simplicidade - É se fazer entender por todos sem afetar superioridade por meio de teorias complexas;

discriminação de É ser modesto – relacionar-se com todas as pessoas sem distinções, sem
nenhuma espécie.
Verdade em todos os atos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 361 – 04/05/2014

O Consolador – (Jane Martins Vilela)

III. Instruções dos Espíritos

I. A lei do amor

O amor e nós

“Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo.”

(1ª Epístola de João, 2:10.)

“Culpado sou eu, Senhor, por não ter amado mais, disse eu ao Mestre, a que ele me respondeu: culpados somos então ambos, por não termos amado mais!”

Palavras iniciais de um nobre Espírito, através da psicofonia, ou seja, comunicação pela palavra, dada por um Espírito, por meio de um médium. Essa comunicação se deu em nossa reunião mediúnica há pouco tempo.

A presença desse Espírito, quando ocorre, traz-nos imensa paz, deixando no ambiente uma energia confortadora, que todos sentem.

Discorreu ele sobre a força irresistível do amor e recomendou que devemos empenhar nossas forças em muito amar e, quando estivermos pensando que já estamos amando o bastante, amar um tanto mais. Quando ele terminou a comunicação, em agradecendo, dissemos a ele que guardaríamos na alma a frase “culpado sou eu, Senhor, por não ter amado mais”, pois ela é de extrema importância, considerando que assim pensando podemos aumentar o sentimento do amor em nossas relações interpessoais e jamais condenar ao nosso irmão por alguma falta que tenha cometido contra nós, mas antes pensarmos se o teremos amado o bastante.

O Espírito, após ouvir nosso agradecimento, completou: “Nós, os trabalhadores do Senhor Jesus, estamos muito felizes, porque o amor está vencendo”.

O amor está vencendo na Terra, apesar de muitas vezes podermos pensar que isso não está ocorrendo.

O amor sempre vence.

Lembramos aqui algumas palavras de Emmanuel na mensagem “Na presença do Amor”, do livro: Fonte Viva, psicografia de Chico Xavier:

“Quem ama o próximo sabe, acima de tudo, compreender. E quem compreende sabe livrar os olhos e os ouvidos do venenoso visco do escândalo, a fim de ajudar, ao invés, de acusar ou desservir.

É necessário trazer o coração sob a luz da verdadeira fraternidade, para reconhecer que somos irmãos uns dos outros, filhos de um só Pai.

Ama, pois, e assim como a lama jamais ofende a luz, a ofensa não mais te alcançará.

Ama e compreenderás.

Compreende e servirás mais cada dia, porque então permanecerás na glória da luz, inacessível a qualquer incursão das trevas.”

Com relação a esses apontamentos de Emmanuel, vale perguntar ao nosso eu interno, ao Espírito imortal que somos, como está o nosso amor. Estaremos, sabendo amar? A compreensão e a tolerância já nos alcançaram? Estamos vendo sinceramente o próximo como nosso irmão? Como estamos em matéria de amor?

Diz Allan Kardec, na questão 886 de O Livro dos Espíritos, que o amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem que nos seja possível e que desejaríamos que nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: Amai-vos uns aos outros como irmãos.

Na questão 888 do mesmo livro, São Vicente de Paulo comenta: “Amái-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Sede, pois, caridosos, praticando não só a caridade que vos faz dar friamente o óbolo que tirais do bolso ao que vo-lo ousa pedir, mas a que vos leve ao encontro das misérias ocultas. Sede, indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes. Em vez de votardes desprezo à ignorância

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

e ao vício, instruí os ignorantes e moralizai os viciados. Sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior. Sede-o para com os seres mais inferiores da criação e tereis obedecido à lei de Deus”.

Neste mundo inferior onde nos encontramos, somos Espíritos que estamos aprendendo a amar, lutando para adquirirmos virtudes. A maior delas é o amor. Perguntemos, portanto, humildemente, a nós mesmos o quanto já sabemos verdadeiramente amar. Façamos grandes esforços e nos unamos a esses Espíritos amorosos, como o que se manifestou em nossa reunião mediúnica e disse: Nós estamos muito felizes, porque o amor está vencendo!

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 63 – 06/07/2008

O Consolador – (Marcos Paulo de Oliveira Santos)

III. Instruções dos Espíritos

II. O egoísmo

O egoísmo

Egoísmo – indubitavelmente a matriz de todas as mazelas humanas.
Devido a esse sentimento a humanidade torna-se infeliz.
Ele se apresenta sob diversas formas e algumas são bastante tênues.

Rodolfo Calligaris apresenta-nos algumas facetas, a saber:

Individual – Centrado em si mesmo – a ponto de ignorar aqueles que nos cercam, inclusive familiares.

Tudo gira em torno do próprio **“umbigo.”**

Narcisismo – os fins justificam os meios para se chegar à satisfação do ego.

Familiar - Aqueles que só auxiliam e têm olhos para seus parentes consanguíneos.
Se porventura surgir uma situação em que seja necessário o desprendimento (material, de tempo, de carinho) para auxiliar alguém que não seja carnal, inventam desculpas. Dizem que não podem, que o empenho (consanguínea) já exige bastante etc.

do vínculo
com a família

Classe - Reivindicações dos trabalhadores – se preocupam somente com a própria classe.
Eles pressionam governos, olvidam a coletividade para atenderem aos seus interesses.

Não se importam com o **“desequilíbrio e os sacrifícios que isso possa custar à coletividade”**

Raça - Questões raciais – ao longo da história tem-se notado os conflitos.
Ainda hoje – se ouve comentários extremamente racistas – pessoas perseguidas por causa da cor da pele.

Nacional - Mascarado com o nome de **“patriotismo.”**

Sectário - O mais funesto – aquele que considera a sua forma de ver a vida a única correta.
Ignoram que todos os caminhos levam à casa do Pai, independente do tipo professada.

Esses egoístas transformam crentes em fanáticos – não podendo ler ou ouvir que contrarie sua maneira de enxergar a vida – somente sua igreja está certa – a única que salva – o restante é erro, é pecado.

mais a O fanatismo religioso, político, filosófico, é a doença da alma que fomenta ainda violência e a estupidez no mundo.

O Espiritismo, devido a sua proposta de transformação moral do ser humano e por ser calcado no Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo, é um poderoso antídoto contra o egoísmo – ensina-nos que somente por meio da caridade (moral e material) conseguiremos a nossa salvação.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 352 – 02/03/2014

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

III. Instruções dos Espíritos

II. O egoísmo

O egoísmo

O egoísmo é o orgulho exagerado aos próprios valores e interesses a despeito dos de outrem; é um exclusivismo que leva uma pessoa a se tornar como referência a tudo; vaidade excessiva, pretensão, orgulho, presunção.

É como o orgulho – um dos vícios e uma das chagas da humanidade – a de mais difícil erradicação, dele derivando todo o mal que aflige a sociedade.

Ele se concentra na importância da personalidade.

Prende-se à influência da matéria, da qual o homem, muito próximo da sua origem, não pode se libertar e essa influência prejudica enormemente, suas leis, sua organização social e sua educação.

É incompatível com a justiça, o amor e a caridade – ele neutraliza todas as outras qualidades.

É um mal que recai sobre todo o mundo e do qual cada um é, mais ou menos, vítima.

Para ser extirpado, o egoísmo deve ser atacado em sua raiz e destruído em sua causa.

Somente será destruído ou atenuado na medida em que o homem for se esclarecendo sobre as coisas espirituais, quando der menos valor às coisas materiais, quando a vida moral predominar sobre a vida material.

Isto se fará com a reforma das instituições humanas, com reflexos em sua educação – não a educação que faz homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem.

O egoísmo se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade em si mesma. Os Espíritos vão se depurando pelas encarnações sucessivas, perdendo o egoísmo como, também outras impurezas do caráter.

Não vemos na Terra, pessoas desprovidas de egoísmo e praticando a caridade?

São Espíritos que já alcançaram uma certa evolução.

Conhecemos muito pouco dessas pessoas, porque a virtude delas não as deixa se colocarem em evidência. E quando isto acontece, a mídia não explora, não dá ibope, como dizem.

Longe de diminuir, o egoísmo aumenta com a civilização que o excita.

Quando o mesmo estiver em níveis insuportáveis, virá a necessidade de extirpá-lo.

É o que está começando a se esboçar, ainda de maneira bastante fraca, nos organismos internacionais, como os desníveis clamorosamente apresentados entre países ricos do Ocidente e os pobres e miseráveis da África.

Quando os homens tiverem se despojado do egoísmo que os domina, eles viverão como irmãos, não se combatendo mais – procurando ajustar-se reciprocamente, com aplicação do sentido de solidariedade mútua.

Aí teremos uma nova Humanidade, onde o forte será o apoio do fraco

– não se constatando mais o homem sofrendo necessidades físicas e sanitárias mínimas de sobrevivência

– porque todos ou quase todos estarão, praticando a Lei de Justiça.

É preciso combater o egoísmo como se combate uma doença orgânica: ir à fonte.

Que se procure, em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da cabana ao palácio, todas as causas, todas as influências patentes ou ocultas, que excitam, entretêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo.

Uma vez conhecidas as causas, o remédio se mostrará por si mesmo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Não se tratará de as combater se não todas de uma vez, pelo menos parcialmente e, pouco a pouco, o veneno será extirpado.

A cura poderá ser demorada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível.

E isto somente será possível pela educação, pois esta, se bem entendida, é a chave do progresso moral.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 91 – 25/01/2009

O Consolador – (Eduardo Augusto Lourenço)

A Fé que move montanhas

III. Instruções dos Espíritos

III. A Fé e a caridade

“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada.”

(Mateus, 8:5-11.)

Quando Jesus entrou na cidade de Cafarnaum, um oficial romano foi encontrar-se com ele e pediu que curasse o seu empregado. Ele disse: - Senhor, o meu empregado está na minha casa, tão doente, que não pode nem se mexer na cama.

Ele está sofrendo demais. - Eu vou lá curá-lo! Disse Jesus.

O oficial romano respondeu: - Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e o meu servo será curado.

Eu também estou debaixo de autoridade de oficiais superiores e tenho soldado que obedecem às minhas ordens.

Digo para um; **“Vá lá”**, ele vai.

Digo para outro: **“Venha cá”**, e ele vem.

E digo também para o meu empregado: **“Faça isto”**, e ele faz.

Quando Jesus ouviu isso, ficou muito admirado e disse aos que o seguiam: - Eu afirmo a vocês que isto é verdade; nunca vi tamanha fé, nem mesmo entre o povo de Israel! E digo a vocês que muita gente vai chegar do Leste e do Oeste e se sentar à mesa no Reino do Céu com Abraão, Isaque e Jacó, e não aparecerá um indivíduo com tanta confiança igual a este homem.

O oficial romano além de ter muita fé, acreditou na autoridade moral de Jesus, por isso o seu empregado foi curado a longa distância.

A Fé quando gerada no coração, com muita vontade e confiança, tem uma força direta e transformadora na ação magnética. O ser humano interage sobre o fluido, agente universal, modificando suas qualidades e elementos de acordo com o que cada ser emana nos seus pensamentos, dando-lhe a impulsão desejada.

Por isso aquele que tem um grande poder fluídico, através de sua força mental, juntando-se com uma fé fervorosa e com a vontade dirigida para a bondade, pode operar fenômenos estranhos de cura, a curta ou a longa distância, como foi o caso do oficial romano que acreditou na cura do seu empregado.

Tal o motivo pelo qual Jesus disse aos apóstolos: - Se não haveis curado é que não tínheis Fé.

A Fé é algo intrínseco no ser humano, tributo natural do Espírito; é um sentimento plantado por “Deus” em nossas consciências.

Sendo que esta fé pode ser manifestada com diferentes nuances, em cada uma das diversas religiões, compreendendo que o Divino se revela na capacidade evolutiva de cada ser, dependendo da maneira como cada um interpreta o Criador.

A fé é força motriz que vai sendo afinada no exercício da oração, da caridade e do amor incondicional; a fé ilumina o coração, ultrapassando o âmbito da crença religiosa, aonde o Espírito se refaz na energia que emana do seu próprio íntimo.

A palavra fé vem do latim: que significa **“fides”**, e o termo pode ser empregado em duas categorias: profana ou religiosa.

No sentido profano, significa dar crédito na existência do fato, fazer bom juízo sobre alguém, expressar sinceridade no modo de agir etc.

Quando o testemunho, no qual se baseia a confiança absoluta, é a revelação divina, fala-se de fé no seu sentido religioso.

A fé, neste sentido, não é um ato irracional. Com efeito, o espírito humano só pode aderir incondicionalmente a um objeto quando possui a certeza de que é verdadeiro.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Muitos homens estudiosos aliaram a fé com a ciência; sendo que esta ferramenta que comprova e descobre, oferece ao ser humano o conhecimento das leis da natureza concreta; ao contrário, a fé transporta o homem à transcendência do mundo invisível.

A ciência gera a investigação metodológica do mundo visível; a fé se desenvolve na confiança e na esperança do nosso Criador.

A ciência precisa de provas e pesquisas;

A fé requer compreensão e benevolência;

A ciência exige estudo e prática;

A fé exige contemplação, entendimento e movimento.

Há um ponto sutil entre a ciência e a fé; aonde termina o limite estreito da ciência, começa o espaço infindável da fé.

O homem da ciência estuda para entender;

O homem da fé pratica a caridade para desabrochar este sentimento.

Ambas se completam e se auxiliam mutuamente.

Seria lógico analisarmos que a fé e a ciência se entrelaçam;

Tendo a ciência o papel de livrar a fé da cegueira;

E a fé orientando a ciência a não cair num materialismo radical.

A fé precisa ser amparada sob a ótica da ciência para não ser míope e nem cair no misticismo, tornando-se fanática e doentia; como a ciência precisa ser auxiliada pela fé, para não virar uma ferramenta a serviço da destruição da humanidade.

A fé, através da oração e da meditação, vem sendo comprovada por pesquisas científicas, como afirma o radiologista

Andrew Newberg, da Universidade da Pensilvânia, que submeteu o cérebro de budistas do Tibet em profunda meditação e exames tomográficos, e conseqüente acompanhamento da atividade cerebral após injeções radioativas na veia. Este estudo também foi repetido com freiras em oração.

Chegou-se à conclusão que tanto a meditação como as orações desligaram os circuitos cerebrais que controlam a noção de limites físicos do ser humano.

Seria a explicação bioquímica para a sensação de transcendência e o alto grau de concentração mental obtidos com a meditação.

O médico americano. Dr. Harold Koenig, formado pela Universidade da Califórnia, com especialização em – geriatria, psiquiatria e bioestatística, fez inúmeras pesquisas no campo da ciência com relação à espiritualidade, chegando à conclusão que as pessoas que oram regularmente e possuem práticas religiosas apresentam melhor sistema imunológico, ou seja, adoecem menos, e, quando doentes, superam melhor a enfermidade. Aponta também, que as pessoas com fé reduzem a incidência de doenças cardiovasculares, câncer, pressão alta, entre outros males, além do tempo de sobrevivência maior no caso de doenças graves, como câncer e o HIV.

O psiquiatra Frederico Camelo Leão afirma que “**peçoas com atitude positiva e fé têm saúde melhor**” - ele defendeu a tese de doutorado sobre o assunto no Hospital das Clínicas de São Paulo. “Isso valo tanto para a espiritualidade intrínseca, quanto à extrínseca.

David Myers, professor de psicologia da Faculdade Hope, em Michigan (EUA), fez uma pesquisa afirmando que as pessoas com fé religiosa conseguem melhorar o funcionamento de seu sistema imunológico.

“Ter uma fé ativa é tão fortemente associado à longevidade, quanto ao hábito de não fumar.”

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Um grupo de pesquisadores da Dana-Farber Cancer Institute e da escola de Medicina da Universidade de Harvard realizou uma pesquisa, publicada no Journal of Clinical Oncology, para avaliar a importância e a influência da religiosidade e da espiritualidade sobre os pacientes com câncer em estágios terminais.

“A religiosidade e a fé são questões presentes, de forma marcante, na vida de muitas pessoas, seja em momentos de alegria, seja em situações delicadas ou difíceis, como durante uma doença com poucas possibilidades de cura.”

A fé é o combustível para entendermos as engrenagens do nosso universo íntimo, sendo que somos fagulhas celestiais, energias geradas pelo cosmo divino. Esta fé nos dá o sustento e o equilíbrio para uma vida mental saudável; ela é a geradora da esperança, da resignação, da compreensão e da humildade.

A fé nos mostra que somos pequenos grãos de areia perante a perfeição de **“Deus.”**

Este sentimento desperto em nossa alma, cura-nos das nossas doenças e mazelas do Espírito; intercede por aqueles que sofrem; liga-nos através da prece com o nosso Criador, alimentando-nos de esperança e de paz.

A prece é agradável a Deus?

R. A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele.

A prece do coração é preferível à que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios que com o pensamento.

A prece é agradável a deus quando proferida com fé, com fervor e sinceridade.

Não creias, pois, que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.

(O Livro dos Espíritos, pergunta 658.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 462 – 24/04/2016

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

III. Instruções dos Espíritos

III. A Fé e a caridade

Fé e obra

“Um homem tinha dois filhos. Chegando ao primeiro disse: filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. Ele respondeu: Irei, Senhor; e não foi. O segundo disse: não quero. Mas tarde, tocado pelo arrependimento, foi.”

Esta passagem, narrada na Parábola dos Dois Filhos (Mt, 21: 28-32), mostra Jesus perguntando-nos, através dos discípulos: **“Qual dos dois fez a vontade do Pai?”**

Duas personalidades revelando, sem dúvida, as suas qualidades em palavras e ações.

O interessante nessa questão proposta por Jesus é a possibilidade de desdobramentos no que se refere às atitudes que temos, sem que, necessariamente, apresentemo-nos tão somente como personalidades da luz ou da sombra.

São muitas as nuances que surgem quando somos defrontados com situações que exigem uma tomada de decisão.

A própria parábola mostra essa possibilidade quando, de um lado, temos o filho que aceita a tarefa e não comparece para sua execução, e, de outro, o filho que nega, mas que muda de atitude após pensar melhor.

Com base nisso, podemos observar três situações bastante comuns – os desdobramentos podem ser maiores ainda, no momento evolutivo no qual nos encontramos, e que nos permite refletir um pouco sobre elas.

Temos, de um lado, o trabalhador que crê, simplesmente, porque lhe disseram que era preciso crer em um ser superior, sem a escolha pela razão;

De outro, aquele que crê pelo entendimento e não obra:

E, por último, aquele que não crê, mas que raciocinando com lógica, num grande esforço intelectual, discernindo e refletindo sobre o convite ao trabalho no bem, transforma o “não quero” em ação produtiva.

Na primeira situação, temos aqueles trabalhadores que espalham inquietação e desânimo, pois iniciam um trabalho de caridade – qualquer que seja – e logo o abandonam porque o mundo não presta – por que vou esforçar-me? Ou porque não nasceram para executar tarefas que não tenham destaque; ou porque não se acham dignos de posição de evidência, e quando chamados a testemunharem essa humildade, logo se revoltam; ou porque, aproximando-se qualquer fé religiosa à espera de benesses imediatas, e não conseguindo, afastam-se alegando que tudo é mentira.

Essas criaturas transitam entre lamentações e queixumes, de um altar para outro, de uma igreja para outra, com tempo suficiente para se sentirem perseguidas e desconsideradas.

Nunca terminam a tarefa pela qual se responsabilizaram, lembrando o aluno que estuda continuamente sem aprender a lição.

Na segunda, surgem aquelas criaturas que creem e, ainda assim, vivem em paisagem improdutiva sem nada realizarem de útil a si e ao próximo. É o trabalhador de fé inoperante. Recorda Emmanuel que podem ser comparados a motores preciosos dos quais ninguém se utiliza e que acabam por enferrujarem. Que são fontes que não se movimentam para fertilizar, nem o campo íntimo, nem o que estiver ao seu redor, e, estagnadas, sem utilidade, ficam repletas de lodo. São, enfim, luzes que não se irradiam.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Na verdade, nessa situação, somos sementes guardadas, que sem serem cultivadas, não têm nenhuma serventia; ou aqueles seres que afirmam ter esperança nas obras que uma tora, que possuem, possa apresentar – móveis, casas, obras de arte etc. - sem que se disponham a usar as ferramentas necessárias para que isso ocorra. Certamente, essa tora ali ficará, indefinidamente, até sua desintegração.

E por fim, na terceira situação, temos os trabalhadores que tardam, que demoram a aceitar o convite ao trabalho no bem, mas, afinal, mudam sua forma de pensar e acabam por se tornarem, na maioria das vezes, grandes obreiros na Seara Divina.

“Qual dos dois fez a vontade do Pai? - pergunta Jesus. O segundo, responderam os discípulos, e ele completa o ensinamento, dizendo: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro que vós no Reino de Deus.”

A fé é sempre o caminho, mesmo que ela não seja ostensiva.

A caridade – trabalho no bem – é o fim.

A fé na essência é a semente de mostarda do ensinamento evangélico que crescerá na proporção do trabalho de elevação que realizarmos em nós.

É a semente transformada em obras, beneficiando a tantos...

Nas palavras de Emmanuel, a fé sem obras constitui embriaguez perigosa que nos convida a aguardarmos benesses sem esforço pessoal.

É a atitude do assalariado que aguarda o pagamento sem ter trabalhado.

É importante não esquecermos que quando nos dedicamos à ação, colocamos em movimento energias cósmicas que são acrescidas do poder divino. A nossa fé, nesse momento, é em Deus, que nos sustenta a tarefa, e em nossa capacidade de realização.

A fé precisa ser revelada ao mundo através de nossas obras para a felicidade de muitos, pois somos cooperadores do Pai na construção de um mundo melhor.

O nosso amor, através do trabalho, estimula o amor do outro.

A nossa paz, conquista pessoal e intransferível, constrói a paz entre aqueles que nos cercam.

A caridade nos nossos passos, através de exemplo, despertará a caridade no caminhar do outro.

E com nossa fé inabalável na providência divina, semearmos a fé ao redor de nós mesmos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 140 – 10/01/2010

O Consolador – (Rogério Coelho)

III. Instruções dos Espíritos

IV. Caridade para com os criminosos

Verdadeira Caridade

“A Lei de Amor extingue as misérias sociais.” - Lázaro

A cena foi constrangedora... Compungiu-nos o coração ver aquele jovem de apenas vinte e dois anos ser conduzido pela polícia, com as mãos algemadas para trás, causando tumulto e curiosidade dentro da agência bancária.

Aquelas mãos que poderiam, estar sendo utilizadas para a semeadura do bem ou compulsando as folhas de um livro nobre, estavam imobilizadas como medida preventiva contra a fuga.

Chegam-nos, então, à mente as palavras registradas em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, (Capítulo XI, item 14)

“Caridade para com os criminosos.”

Os comentários se atropelaram dentro do nervosismo gerado pelo triste acontecimento: **“Tomara que ele tome umas boas borrachadas”**; **“ladrão deveria ter as mãos cortadas”**, **“não tenho pena de ladrão”** etc. Tais eram as palavras de ordem. Raros os que se abstiveram de comentários desairosos...

As criaturas estão realmente ainda muito distantes de ver e sentir como Jesus: além das aparências.

Imaginamos, então o que faríamos se estivéssemos no lugar daquele jovem. Se tivéssemos reencarnado no mesmo meio, recebido durante os primeiros e mais importantes anos de vida as mesmas desorientações e negligências dos pais que se somam às tendências atávicas do Espírito ancestral, que faríamos? Teríamos ou cederíamos à tentação do roubo?!

Como seriam hoje os circunstantes que anatematizavam o jovem infeliz se os seus caminhos fossem os mesmos trilhados por ele? Era de se esperar pelo menos um pouco de indulgência de quem (aparentemente) recebeu boa educação e melhor berço.

Quanta falta faz o Espiritismo na vida das pessoas!

Quanta flata faz a prática do Espiritismo nas pessoas que o conhecem!

Sem pieguismos e sem deixar-nos envolver pelas vibrações malsãs que carregavam o ambiente, conquanto achando que o jovem devia pagar pelo delito, uma onda de ternura e carinho invadiu nosso coração e procuramos canalizar tais vibrações na direção daquele jovem. Quem sabe, aquele infausto acontecimento iria, frenar suas atividades infelizes. Era jovem, teria ainda toda uma vida pela frente... Afinal, não ensina a novel Doutrina Espírita que devemos ter caridade para com os criminosos?

Ficamos então, pensando: quão importante e nobre é a tarefa abençoada das Casas Espíritas que se desdobram na evangelização dos jovens, numa verdadeira profilaxia, cortando no nascedouro as más tendências inatas e direcionando-as para uma vida sadia e plena de bênçãos. Colocamo-nos no lugar dos pais daquele jovem e imaginamos como deve ser triste ver o filho querido que acalentamos desde a mais tenra infância e para o qual sonhávamos um porvir risonho ser conduzido algemado, cabisbaixo e aterrorizado para as grades de uma prisão!

É grande a responsabilidade dos pais. E quantos pais (espíritas?!) nem ao menos se preocupam em levar os filhos às aulinhas de evangelização, perdendo assim, preciosa oportunidade de oferecer-lhes subsídios valiosíssimos para a vida de adultos nesses tempos tão difíceis. É uma omissão que pode custar muito caro. Não convém arriscar.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Sentimos, então, a cada dia, que a honra e a glória de ser espírita é um talento que não podemos enterrar. Temos que multiplicá-lo, a exemplo dos dois servos fiéis da parábola.

É imprescindível divulgar o Espiritismo, vez que, segundo Emmanuel, a maior caridade que podemos fazer-lhe é exatamente a sua propagação.

Estivesse já nas mentes e corações o conhecimento espírita, jamais ouviríamos aqueles comentários descaridosos e o mundo agitado de hoje por múltiplas convulsões sociais teria mais paz, mas harmonia, mais felicidade, mais honestidade, menos corrupção, menos crimes, menos tragédias de variegado matiz -

(variadas possibilidades).

Sem o conhecimento espírita jamais passaria pela nossa mente que aquele jovem **“é tanto nosso próximo, como o melhor dos homens; sua alma transviada foi criada, como a nossa, para se aperfeiçoar e que, orando por ele, quem sabe conseguiria sair do lameiro?”**

Desconhecendo o Evangelho de Jesus, desconheceríamos também a portentosa lição do **“bom samaritano”** que socorreu um estranho quando os que deveriam fazê-lo se omitiram. A situação era a mesma; os pais se omitiram e ali estava o necessitado de ajuda à mercê da polícia, esperando mão amiga para socorrê-lo no infortúnio que cavara com as próprias mãos.

Com o Espiritismo sabemos que a verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que se dá, nem mesmo nas palavras de consolação que lhe aditemos. Não, não é apenas isso o que Deus espera de nós, que nos proclamemos cristãos.

A caridade sublime, apregoada e exemplificada pelo Mestre, também consiste na benevolência de que usamos sempre e em todas as coisas para com o próximo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 187 – 05/12/2010

O Consolador – (Frei Pedro de Alcântara)

III. Instruções dos Espíritos

IV. Caridade para com os criminosos

Reflexões

Filhos, clareando consciências alheias, defendamo-nos contra a dominação das trevas.

- **“Vem e segue-me!”** - diz o senhor ao Apóstolo.

- **“Levanta-te e anda!”** - recomenda Jesus ao paralítico.

Para justos e injustos, ignorantes e sábios, o chamamento do Cristo é pessoal e intransferível.

O Evangelho é serviço redentor, mas não haverá salvação para a humanidade sem a salvação do Homem.

No mundo, é imperioso refletir algumas vezes na morte para que a existência não nos seja um ponto obscuro dentro da vida, porque o Espírito desce à escola terrena para educar-se, educando. Dia a dia, milhares de criaturas tornam à Pátria Espiritual.

Esse caiu sob o fio da espada, aquele tombou ao toque de balas mortíferas. Alguns expiram no conforto doméstico, muitos partem do leite rijo dos hospitais.

Odos imploram luz, mas, se não fizeram claridade em si mesmos, prosseguem à feição de caravaneiros ocultos na sombra.

Não valem títulos do passado, nem exterioridades do presente.

Esse deixou o ouro amontoado com sacrifício.

Aquele renunciou ao consolo de afeições preciosas.

Outro abandonou o poder que não lhe pertencia.

Aquele outro, ainda, foi arrancado à ilusão.

Quantas vezes examinais conosco essas pobres consciências em desequilíbrio que a ventania da renovação vergasta no seio da tempestade moral!

é por isso que, sob a invocação do carinho e da confiança, rogamos considereis a estrada percorrida.

Convosco brilha abençoada oportunidade.

O Espiritismo é Jesus que volta ao convívio da dor humana.

Não sufoqueis a esperança na corrente das palavras. Emergi do grande mar da perturbação para o reajuste indispensável!

Não julgueis para não serdes julgados, porque seremos medidos pelo padrão que aplicarmos à alheia conduta.

Ninguém sabe que forças tenebrosas se congregaram sobre as mãos do assassino.

Ninguém conhece o conteúdo de fel da taça que envenenou o coração arremessado ao grande infortúnio.

O mal feitor de hoje pode ser o nosso benfeitor de amanhã.

Desterrai de vossos lábios toda palavra de condenação ou de crítica!...

Desalojai do raciocínio e do sentimento toda névoa que possa empanar a luminosa visão do caminho!

Somos chamados ao serviço de todos e a nossa inspiração procede do Senhor, que se converteu no escravo da humanidade inteira.

Filhos, urge o tempo.

Sem o roteiro da humanidade, sem a lanterna da paciência e sem a bênção do trabalho, não alcançaremos a meta que nos propomos atingir.

Quão fácil mandar, quão difícil obedecer!

Quanta simplicidade na emissão do ensinamento e quanto embaraço na disciplina aos próprios impulsos!...

Jesus ajudou.

Duas grandes e inesquecíveis palavras bastam para cessar a revolta e congelar-nos qualquer ansiedade monos construtiva.

Se Jesus ajudou, por que havemos de perturbar?

Se Jesus serviu, com que privilégio exigiremos o serviço dos outros?

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Reunimo-nos hoje em velhos compromissos.

Digne-se o Senhor alertar-nos na reconstituição de nossos destinos.

Não vos pedimos senão a dádiva do entendimento fraterno, com aplicação aos princípios que esposamos, reconhecendo a insignificância de nossas próprias almas.

Somos simplesmente um amigo.

Não dispomos de credenciais que nos assegurem o direito de exigir, mas rogamos observeis os minutos que voam. Desdobrar-se-ão os dias e a perda de nossa oportunidade diante do Cristo pode ser também para nós mais distância, mais saudade, mais aflição.

Não aspiramos para nós outros senão à felicidade de amar-vos, desejando-vos a beleza e a santidade da vida.

Aceitemos nosso trabalho e nossa lição.

Quem foge ao manancial do suor, costuma encontrar o rio das lágrimas

Aqueles que não aprendem a dar de si mesmos não recolhem a celeste herança que nos é reservada pelo Senhor.

Filhos de nossa fé, urge o tempo!

Isso equivale dizer que a cessação do ensejo talvez não tarde.

Façamos luz na senda que nos cabe percorrer.

Retiremo-nos do nevoeiro.

Olvidemos o passado e convertamos o presente em glorioso dia de preparação do futuro!...

E que Jesus, em sua infinita bondade, nos aceite as súplicas, revigorando-nos o espírito no desempenho dos deveres com que fomos honrados, à frente de seu incomensurável amor.

Bibliografia

Espíritos Diversos, Instruções Psicofônicas, (psicografia Chico Xavier), (cap. 11), (Frei Pedro de Alcântara, que foi contemporâneo da grande mística espanhola Teresa d'Ávila e, tanto quanto ela, é venerado na Igreja Católica.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

O Evangelho Segundo o Espiritismo

III. Instruções dos Espíritos

V. Deve-se expor a vida por um malfeitor

Allan Kardec

(Amar o próximo como a si mesmo, cap. XI.)

Deve-se expor a vida por um malfeitor

Acha-se em perigo de morte um homem; para o salvar tem um outro que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes.

Deve, não obstante, o segundo arriscar-se para o salvar?

Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito.

Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se se deve expor a vida, mesmo por um malfeitor.

O devotamento é cego; socorre-se um inimigo; deve-se, portanto, socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor, em suma. Julgais que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada.

Imaginai, com efeito, que, nos rápidos instantes que lhe arrebatam os derradeiros alentos da vida, o homem perdido volve ao seu passado, ou que, antes, este se ergue diante dele.

A morte, quiça, lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser-lhe terrível.

Lançai-vos, então, ó homens; lançai-vos todos vós a quem a ciência espírita esclareceu;

Lançai-vos, arrancai-o à sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirá nos vossos braços.

Todavia, não tendes que indagar se o fará, ou não; socorrei-o, porquanto, salvando-o, obedeceis a essa voz do coração, que voz diz: **“Podes salvá-lo, salva-o!”**

(Lamennais, Paris, 1862.)

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

Crônicas e Artigos

Nº 140 – 10/01/2010

O Consolador – (Rogério Coelho)

III. Instruções dos Espíritos

V. Deve-se expor a vida por um malfeitor

Devotamento e abnegação: virtudes análogas

Quando no estudo de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, sempre me desperta a atenção e causa certa confusão o fato de que os Espíritos algumas vezes usam os termos abnegação e devotamento como sinônimos: (1) falam em um quando se referem ao outro, ou dizem que abnegação é devotamento, ou este é aquela. Contudo, Kardec e outros Espíritos diferenciam um termo do outro. Essa suposta confusão ou desacerto entre Kardec e os Espíritos poderia nos levar a pensar que ou alguns Espíritos estão errados e Kardec está certo, ou que este está errado e aqueles certos. De qualquer maneira, tal confusão poderia conduzir a uma desconfiança na capacidade de Kardec de selecionar e interpretar as mensagens dos Espíritos, ou mesmo na validade da moral espírita, já que não haveria entendimento sobre definições morais basilares. Quando Kardec elencou as virtudes elementares da Caridade (2), dispôs a abnegação ao lado do devotamento, tendo citado em primeiro lugar a abnegação. Desse modo de distribuí-las podemos deduzir inicialmente que não existe identificação total entre uma e outra, ou seja, elas são distintas. Poderíamos pensar também que uma está inclusa na outra, o que significaria a existência de uma identidade parcial.

Porém, se uma estivesse completamente, contida em outra ele as teria disposto de maneira diferente, citando apenas aquela que inclui a outra.

Por outro lado, pode ser que exista apenas uma área de intersecção entre ambas, ou nenhuma área de intersecção.

Assim temos quatro possibilidades, 1ª) existe união total entre ambas, elas são iguais, isto é, existe identidade plena,

b) existe pertinência de uma em relação à outra, pois uma estaria totalmente inclusa na outra;

c) existe apenas identidade parcial devido a uma área de intersecção entre ambas;

d) não existe, qualquer pertinência entre ambas, sendo totalmente diferentes, portanto, sem qualquer identidade.

Tentaremos resolver a confusão inicialmente identificada verificando qual das possibilidades é a verdadeira.

Vejamos primeiramente o que assemelha as duas virtudes.

Entendemos, a partir de estudos nas “obras básicas” e dos luminares da moral, que devotamento é o esforço desinteressado, intenso e contínuo, realizado com alegria e confiança, pela aplicação útil das forças e recursos físicos e morais de que se dispõe e nas condições em que se encontra o agente após, análise e reflexão do contexto, visando promover o bem de outrem (3).

Por sua vez, abnegação é o esforço desinteressado, intenso e contínuo, realizado com alegria e confiança, pela aplicação útil das forças e recursos físicos e morais de que dispõe, e nas condições em que se encontra o agente após, análise e reflexão do contexto, visando promover o bem de outrem acima e prioritariamente ao próprio bem deste (4).

Ora, estas definições, apresentam muitas semelhanças.

As duas principais são o esforço e o objetivo visado. O esforço é constitutivo de ambas, esforço que é a mobilização de “forças” para vencer um obstáculo qualquer. Está claro, pelas exposições precedentes, que este obstáculo é o egoísmo do próprio agente. Mas o esforço exige também a participação de diversas capacidades intelectuais e afetivas, como a reflexão, a alegria e a confiança nas leis divinas. O objetivo visado é, em ambas, o bem de outrem. São semelhanças secundárias as seguintes características: direção, intensidade e persistência do esforço.

É em decorrência dessas semelhanças que alguns Espíritos utilizam os termos “devotamento” e “abnegação” como intercambiáveis, sobretudo em “O Evangelho”, mas que Kardec, com sua

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

extrema atenção aos detalhes, como poliglota e filólogo, tratou de clarear-lhes os significados, distinguindo-os quando elencou as virtudes componentes da Caridade.

Vejam alguns exemplos que ilustram bem esta questão. O primeiro se refere à senhorita Desirée Godu, uma médium curadora, citado na Revista Espírita do mês de Março de 1860, sob o título “Um médium Curador”.

Como médium curadora, os Espíritos lhes indicavam os remédios, e frequentemente ela mesma os preparava e os aplicava nos doentes, cuidando deles e tratando as feridas mais repugnantes, mas fazia isso sempre com muita delicadeza.

Além disso, ela inspirava os enfermos com sua forte confiança, e contagiando-os com a sua jovialidade, alegria e fé, o que contribuía enormemente para o rápido reestabelecimento deles. Durante vários dias da semana, desde as primeiras horas da manhã até anoitecer, sua casa ficava repleta de pessoas que buscavam o seu auxílio.

Antes de tornar-se médium curadora e passar a tratar dos enfermos, ocupava seus dias confeccionando roupas para os pobres e para os recém-nascidos, e para não feri-los usava todos os meios para que não soubessem quem os havia beneficiado.

O autor deste relato diz que seu devotamento assemelha-se ao de “uma irmã de caridade”.

O segundo exemplo, citado na Revista Espírita do mês de maio de 1866, refere-se à “Morte do Doutor Cailleaux”, médico que dedicara sua vida a cuidar dos enfermos e auxiliar os sofredores, tratando deles apesar da sua idade avançada. Irrupção de uma epidemia de cólera em certa região da França, onde vivia, ele colocou-se inteiramente ao serviço dos doentes: percorreu aldeias onde a epidemia grassava, visitando mais de 800 doentes, tratando-os pessoalmente, aplicando os remédios, sentando à cabeceira dos moribundos.

Ele cumpria este dever sem qualquer lamentação ou queixa, ao contrário, permanecia sempre bem-humorado e alegre, o que influía decisivamente na cura dos doentes.

Apesar de sentir os sintomas de cólera, continuou atendendo-os, mas não resistiu e morreu.

Devido à sua ação decidida salvou muitas famílias, evitou que os pais ficassem sem os filhos, ou que estes se tornassem órfãos.

O autor do comentário ressalta que ele trabalhou até o último dia sem querer jamais repousar, e que não vivia para si mesmo, mas para os seus semelhantes.

Pode-se identificar nitidamente no primeiro exemplo o devotamento, enquanto no segundo destaca-se a abnegação.

Ambas se assemelham, mas do próprio texto percebemos a existência de algo diferente.

Mas o que diferencia uma virtude da outra?

No devotamento, o agente, embora mobilizando suas capacidades internas, doa algo externo ao outro, enquanto que na abnegação, o agente, embora mobilizando as mesmas capacidades, doa ao outro algo de interno a si mesmo.

Há, assim, uma diferença importante entre ambas, pois utilizar nossas potencialidades, condições e situações materiais para promover o bem do outro e doar a si mesmo para promover este mesmo bem exige que a intensidade do esforço seja amplificada para níveis extremos, tão altos que somente Espíritos de escol conseguem realizá-lo completamente.

O que queremos dizer é que a diferença entre ambas é de grau; expressando-nos de outra maneira, há uma diferença qualitativa.

Existe como que um “ponto de emergência”, um momento em não há transformação de um em outro, mas sim como que a geração de uma virtude a partir de outra.

Assim, a abnegação emerge sem que desapareça o devotamento, pois elas passam a coexistir.

No devotamento há uma doação de algo externo, sem que aconteça a entrega total do agente ao bem do outro; continua existindo como que uma preservação da vida do agente.

Já na abnegação, o bem do outro é colocado acima de qualquer condição; o agente se entrega totalmente ao seu objetivo, rompendo inclusive com todas as barreiras de autopreservação.

Claramente, a abnegação exige sempre a reflexão e a utilização das capacidades intelectivas do agente; não ocorre renúncia à racionalidade, mas sim renúncia ao próprio egoísmo.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XI)

É bom lembrar que uma virtude sem reflexão pode transformar-se em vício com muita facilidade. Num exemplo dado por Kardec ao elogiar os espíritas espanhóis, esse “ponto de emergência” é destacado: Já tivemos muitas vezes a ocasião de dizer que a Espanha contava com numerosos adeptos, sinceros, devotados e esclarecidos; aqui, **é mais do que o devotamento, é a abnegação**; não uma abnegação irrefletida, mas calma, fria, como a do soldado que caminha para o combate dizendo a si mesmo:

O que quer que me custe isto, eu cumprirei o meu dever. É o devotamento daquele que coloca o interesse de todos antes do interesse pessoal (5).

Observemos que no primeiro grifo Kardec aponta para um algo mais, algo que está além do devotamento. No segundo, a principal característica da abnegação, a doação da própria vida é destacada, ao ser a abnegação dos espíritas espanhóis comparada com a do soldado que cumpre o seu dever, mesmo que à custa da própria vida.

No terceiro grifo ele procura esclarecer o significado de abnegação comparando-o com o devotamento, mas mostrando que nesta o bem de outrem é prioritário ao interesse pessoal.

Podemos entrever, da mesma forma, que existe um momento em que surge a abnegação a partir do devotamento.

Este momento é aquele em que o Espírito entende, finalmente, que é seu dever fazer tudo o que for possível pelo bem de outrem, doando tudo aquilo que é somente seu e de mais ninguém, “apagando” sua “personalidade” para que outrem seja beneficiado.

Naturalmente, quando nos referimos à doação da própria vida, trata-se de uma dedicação e de um esforço hercúleo do agente, esquecendo suas necessidades e carências, visando ao bem de outrem.

Assim, isto nos leva a crer que o devotamento é uma condição e um fator predisponente para o surgimento da abnegação, mas, uma vez gerada, ela se diferencia daquele, embora mantendo alguns elementos comuns.

Talvez seja devido a esta diferença que Kardec tenha colocado a abnegação antecedendo ao devotamento, sem dúvida não com a intenção de diminuir a importância deste, mas para marcar com mais força a diferença qualitativa existente entre estas virtudes.

Consequentemente, parece-nos que a terceira opção é a mais adequada, pois existe apenas uma relação de identidade parcial devido à comunidade de algumas características.

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. V – Bem-aventurados os aflitos – Sacrifício da própria vida. Item 29) e:

(Cap. XI – Amar o próximo como a si mesmo – Deve-se expor a vida por um malfeitor? Item 15.)

(2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVII – Sede Perfeitos. Item 2. p.284.)

(3) http://www.oconsolador.com.br/ano9/418/ivomar_costa.html

(4) http://www.oconsolador.com.br/ano9/409/ivomar_costa.html

(5) **Kardec** Allan, Revista Espírita, (Março de 1869, Pag. 48 – Apóstolos do Espiritismo na Espanha.)